

CENTRO UNIVERSITARIO SÃO JOSÉ

FACULDADE DE PEDAGOGIA

**AUTISMO E EDUCAÇÃO: A CIENCIA ABA COMO PROPOSTA DE
INTERVENÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Bárbara Soares Munhoz

RIO DE JANEIRO

2023.2

CENTRO UNIVERSITARIO SÃO JOSÉ
FACULDADE DE PEDAGOGIA

BÁRBARA SOARES MUNHOZ

RIO DE JANEIRO

2023.2

AGRADECIMENTOS

Finalizar a graduação é uma das minhas maiores realizações, confesso que sonho com esse momento há muito tempo e sem algumas pessoas, esse sonho não seria possível.

Primeiramente, quero agradecer a Deus por me colocar de pé todos os dias ao longo desta jornada difícil. Segundamente, quero agradecer meus pais: Rita de Cassia Soares Munhoz e Luís Sergio Munhoz, pois sem eles nada disso seria possível, eles foram uma base essencial para que esse sonho se tornasse realidade.

Terceiramente, ao meu grande companheiro de vida, Antônio Pedro Silva Ferreira, sem ele, sem seu companheirismo, seu amor e amizade, eu não teria forças e motivação para chegar aqui, confesso para todos que ele acredita mais em mim, do que eu mesma. Por último, o mais importante, meu querido orientador e coordenador do curso Victor Ramos da Silva, sem ele, isso não seria possível. Posso dizer que ele foi um pai dentro da minha graduação, meu braço direito e esquerdo, me assegurando todos os dias que meu sonho iria ser realizar.

Á todos vocês, meu muito obrigada

Com amor, Bárbara.

RESUMO

A presente pesquisa tem o intuito reconhecer as conquistas e as dificuldades dos docentes durante a inclusão de alunos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), dentro de salas de aula do ensino regular dos anos iniciais do ensino fundamental, da rede pública e privada, assim como a inclusão no meio social, incluindo a capacidade de compreensão e reconhecendo suas especificidades e limitações. O autismo é um transtorno do desenvolvimento que se caracteriza por alterações desde uma idade muito precoce, basicamente em quase todos os casos antes dos três anos de idade, caracterizado por barreiras à comunicação, interação social, capacidade de adaptação e aprendizado. Resta entender, estudar e apresentar meios suficientes observando-o a importância em analisar as mudanças promovidas pela inclusão em relação ao acesso da criança com o Transtorno do Espectro Autista na escola regular, abordando o conceito de autismo e o seu diagnóstico para que haja a inclusão e o envolvimento na escola, na comunidade e principalmente em sua família.

PALAVRAS CHAVE: Autismo. Escola. Inclusão. Família. Transtorno.

ABSTRACT

This research aims to recognize the achievements and difficulties of teachers during the inclusion of students with Autism Spectrum Disorder (ASD), within regular classrooms of the early years of elementary school, public and private, as well as inclusion in the social environment, including the ability to understand and recognize its specificities and limitations. Autism is a developmental disorder that is characterized by changes from a very early age, basically in almost all cases before the age of three, characterized by barriers to communication, social interaction, adaptability and learning. It remains to understand, study and present sufficient means observing the importance of analyzing the changes promoted by inclusion in relation to the access of children with Autistic Spectrum Disorder in regular school, addressing the concept of autism and its diagnosis so that there is inclusion and the involvement in the school, in the community and mainly in his Family.

KEYWORDS: Autism. School. Inclusion. Family. Disorder.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	7
1 COMPREENDENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)	8
1.1 Os sintomas e o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA)	11
1.2 O Autismo na História.....	15
2 A INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO	18
2.1 A questão escolar do estudante autista	21
3 A IMPORTÂNCIA DO MÉTODO ABA NA INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS	23
3.1 A análise do comportamento aplicada ao ABA.....	28
3.2 Os procedimentos da ABA	31
3.3 As funções de comportamento	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS:	37

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem o intuito de identificar as conquistas e os impasses para incluir alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas regulares dos anos iniciais do ensino fundamental, da rede pública e privada, assim como a inclusão no meio social, incluindo a capacidade de compreensão e reconhecendo suas especificidades e limitações.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do desenvolvimento ao longo da vida caracterizado por barreiras à comunicação e interação social mútua, bem como comportamentos ou interesses restritos e repetitivos¹.

Cabe salientar a importância de entender e possibilitar novos conhecimentos sobre o autismo, pois este tem algumas atividades comportamentais, tais como, dificuldades nas relações sociais e problemas de linguagem, podendo em muitos casos haver dificuldades para os pais e até mesmo para os professores.

No entanto, a maior parte das evidências científicas disponíveis hoje mostra que uma combinação de inúmeros fatores pode levar ao autismo, desde o efeito cumulativo de múltiplos componentes genéticos até a tendência indeterminada a danos causados pela exposição ambiental, tais como prematuridade, uso de antidepressivos durante a gestação e déficit de vitamina D materna. A duração dessas exposições durante o desenvolvimento infantil (antes, durante ou após o nascimento) também pode desempenhar um papel no desenvolvimento ou na manifestação final da doença².

Resta entender, estudar e apresentar meios suficientes para analisar o dia a dia das crianças com autismo nas escolas, identificando quais os conhecimentos que os professores detêm sobre a inclusão desses alunos, pois é necessário que os professores tenham o conhecimento adequado, uma metodologia qualitativa, ligado as escolas com estruturas, modalidades educacional do espaço e diferentes recursos didáticos, para garantir que as crianças que não apresentem desenvolvimento típico possam usufruir dos direitos fundamentais elencados em nossa Carta Magna.

¹ APA. American Psychiatric Association. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5.Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. P. 19

² LEAL, A. R. G. Modelo DIR/Floortime: bases teóricas para a inclusão de crianças com autismo na educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

1 COMPREENDENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O transtorno de espectro autista (TEA), de acordo com Silva, é um transtorno global do desenvolvimento infantil que se manifesta antes dos três anos de idade e prolonga-se por toda a vida e é caracterizado por um conjunto de sintomas que, dentre estas áreas da socialização, comunicação e do comportamento, no qual a mais afetada, na maioria dos casos é a interação social³.

A definição do Autismo teve início na primeira descrição dada por Leo Kanner, em 1943, no artigo intitulado: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. O sintoma fundamental, o isolamento autístico, estava presente na criança desde o início da vida sugerindo que se tratava então de um distúrbio inato, onde descreveu os casos de onze crianças que tinham em comum um isolamento extremo desde o início da vida e um anseio obsessivo pela preservação da rotina, denominando-as de “autistas”⁴.

A referida autora ainda salienta para as descrições e características onde inclui casos de comprometimento orgânico. A questão da dificuldade das crianças que observavam o olhar durante situações sociais, a presença de olhar periférico breve; as peculiaridades dos gestos, carentes de significados e caracterizados por estereotípias e da fala, a qual podia apresentar-se sem problemas de gramática e com vocabulário variado, porém monótona⁵.

Cabe salientar, entre crianças com transtorno de espectro autista, o extremo retraimento social, assim como a forma ingênua e inapropriada de aproximar-se das pessoas, a dificuldade dos pais em constatar comprometimentos nos três primeiros anos da vida da criança⁶.

³ SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Mundo Singular - Entenda o Autismo, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012. P. 6

⁴ MARINHO, Eliane A. R.; MERKLE, Vânia L. B. Um olhar sobre o autismo e sua especificação. In: IX Congresso de Educação – EDUCERE; III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia – PUCPR, out. 2009. p. 6.084-6.096. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1913_1023.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2023

⁵ MARINHO, Eliane A. R.; MERKLE, Vânia L. B. Um olhar sobre o autismo e sua especificação. In: IX Congresso de Educação – EDUCERE; III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia – PUCPR, out. 2009. p. 6.084-6.096. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1913_1023.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2023

⁶ TOLEZANI, Mariana. Son-rise uma abordagem inovadora. Revista Autismo: informação gerando ação, São Paulo, ano 1, n. 0, set. 2010. P. 8-10

Com o passar dos anos e com um estudo mais detalhado sobre o caso, foi empregado o termo para chamar a atenção sobre a qualidade do comportamento social que perpassa a simples questão do isolamento físico, timidez ou rejeição do contato humano, mas caracteriza-se, sobretudo, pela dificuldade em manter contato afetivo com outros de modo espontâneo e recíproco⁷.

A síndrome de Asperger deixou de ser considerado autismo. Em 1987 a Associação Americana de psiquiatria criou o termo Distúrbio Abrangente do Desenvolvimento, sendo assim, o autismo deixou de ser uma psicose infantil⁸.

Assim, o autismo se caracteriza pela presença de um desenvolvimento acentuado atípico na interação social e comunicação, assim como pelo repertório marcadamente restrito de atividades e interesses. Os transtornos invasivos do desenvolvimento caracterizam-se por prejuízo severo e profundo de diversas áreas do desenvolvimento. Entre as dificuldades, nas habilidades de interação social e comunicação, associadas à presença de comportamento repetitivo e/ou restrito e interesses em atividades estereotipadas, que representam um desvio acentuado em relação ao nível de desenvolvimento⁹.

De acordo com o exposto, o autismo compromete três áreas importantes no desenvolvimento da criança: a interação social, a comunicação e o comportamento, a criança com transtorno de espectro autista (TEA) é aquele ser puro, neutro, magnífico e singular no seu modo de ser, mesmo que dentro de si existam milhões de mundos a serem descobertos. Por isso, conhecer um autista é, ter a oportunidade de participar de um milagre diário, ou seja, é ter que todo dia redescobrir o novo que há nos recomeços, entretanto, não é possível negar que há muitas dificuldades a serem enfrentadas pela família e também pelos profissionais que atendem crianças com transtorno de espectro autista (TEA). As dificuldades enfrentadas pelos indivíduos

⁷ GIKOVATE, Carla Gruber. Autismo: compreendendo para melhor incluir. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.carlagikovate.com.br/aulas/autismo%20compreendendo%20para%20melhor%20incluir.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2023

⁸ MARINHO, Eliane A. R.; MERKLE, Vânia L. B. Um olhar sobre o autismo e sua especificação. In: IX Congresso de Educação – EDUCERE; III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia – PUCPR, out. 2009. p. 6.084-6.096. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1913_1023.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2023

⁹ GIKOVATE, Carla Gruber. Autismo: compreendendo para melhor incluir. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.carlagikovate.com.br/aulas/autismo%20compreendendo%20para%20melhor%20incluir.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2023

com transtorno de espectro autista (TEA), que apresentam leves traços a traços mais extensos variam muito, mas, também as habilidades que podem ser reveladas por pessoas com TEA¹⁰.

Nesse sentido, é possível que uma criança com transtorno de espectro autista, apresente extraordinária capacidade de inteligência e seja capaz de tocar maravilhosas melodias no piano, sem nunca ter ido a uma aula de música. Ou ainda, habilidades com cálculos matemáticos, sem nenhuma aprendizagem escolar prévia sobre o assunto. Mas, também é possível que haja limitações severas no raciocínio, na aprendizagem e na autonomia de crianças com transtorno de espectro autista, exigindo sempre intervenções e apoios constantes para as atividades mais simples. Portanto, não há um padrão único de comportamento¹¹.

O conceito de TEA ainda é novo e pouco compreendido, sendo comum são as pessoas utilizarem a expressão “autista” para designar todas as variações do transtorno de espectro autista (TEA). No entanto, como o TEA não se manifesta de uma única forma, o adequado é utilizar o termo TEA e compreender que, na verdade este espectro é caracterizado por possuir variações que “transitam pela tríade de deficiências nas áreas social, de comunicação e de comportamento, mas nem sempre todas essas dificuldades aparecem juntas no mesmo caso”¹².

A literatura mais recente na área classifica o TEA como um transtorno que possui variações e subdivide estas variações em pelo menos quatro categorias, que variam do grau mais leve (menos comprometido) até o mais alto grau (cujo comprometimento é maior), podendo ser assim divididos: a) Traços de autismo (cujas características são bem leves); b) Síndrome de Asperger (possuem alguns comprometimentos básicos, mas com um nível intelectual e de habilidades importantes); c) Autismo de alto funcionamento (os savant); d) Autismo Clássico (o que apresenta maior comprometimento, inclusive intelectual). Dentre os indivíduos que possuem TEA, destacamos aqueles que têm a síndrome de Asperger. Estes geralmente são confundidos com os savants, mas existe uma diferença entre eles. As crianças com Asperger geralmente apresentam “interesses restritos, em determinadas

¹⁰ SILVA. Ana Beatriz Barbosa. Mundo Singular - Entenda o Autismo, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012. P. 9

¹¹ SILVA. Ana Beatriz Barbosa. Mundo Singular - Entenda o Autismo, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012. P. 10

¹² SILVA. Ana Beatriz Barbosa. Mundo Singular - Entenda o Autismo, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012. P. 64

áreas específicas”, já os savants “apresentam de maneira extraordinária, no mínimo uma habilidade especial”¹³.

É imperioso ressaltar que em todos os que possuem o TEA, há potencialidades e algumas limitações, no entanto, é preciso que a sociedade identifique estas potencialidades e estimule a autonomia e o desenvolvimento destes indivíduos, valorizando cada conquista¹⁴.

1.1 Os sintomas e o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Antigamente o TEA era relacionado com os genes dos pais, os quais passariam a síndrome para seus filhos, todavia, com o advento da ciência isto não se comprovou, uma vez que ainda não se sabe qual gene origina o autismo. Com isso se torna difícil afirmar qual é o causador de tal transtorno. Essa afirmação descarta a possibilidade de que a síndrome seja hereditária. No entanto, os especialistas salientam que alguns cuidados não podem ser descartados durante o período da gestação, a fim de que se possam minimizar as chances de que se ocasione o TEA nos fetos, revelando que há suspeitas de que possa haver relação entre fatores ambientais, uso de drogas, etc¹⁵.

Diante o exposto, é de suma importância que as gestantes façam acompanhamento adequado no período gestacional, evite bebidas alcoólicas, cigarros, substâncias tóxicas e uso de medicamentos que podem trazer algum mal para a formação da criança. De acordo com o DSM-IV, o TEA se caracteriza pelo desenvolvimento acentuadamente atípico na interação social e comunicação e pela presença de um repertório marcadamente restrito de atividades e interesses¹⁶.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é frequentemente associado à Síndrome de Asperger, considerada por alguns como uma versão mais suave do autismo. Contudo, é crucial ressaltar que embora compartilhem algumas

¹³ TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; BRASILIA, Maria Chiari. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da Síndrome de Asperger. Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol., São Paulo, v. 13 n. 3, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342008000300015&script=sci_arttext>. Acesso em: 17 abr. 2023

¹⁴ TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; BRASILIA, Maria Chiari. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da Síndrome de Asperger. Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol., São Paulo, v. 13 n. 3, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342008000300015&script=sci_arttext>. Acesso em: 17 abr. 2023

¹⁵ CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. Psicologia & Sociedade. Porto Alegre: 2009, vol.21, n.1, p. 65-74. Disponível <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n1/08.pdf> Acesso em: 17 abr. 2023

¹⁶ CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. Psicologia & Sociedade. Porto Alegre: 2009, vol.21, n.1, p. 65-74. Disponível <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n1/08.pdf> Acesso em: 17 abr. 2023

características, são condições distintas. No contexto da Síndrome de Asperger, observa-se um quadro em que a criança exibe comportamentos peculiares, mas sem comprometer significativamente a interação social e as atividades diárias, como o desempenho escolar e profissional. Indivíduos diagnosticados com Asperger muitas vezes se destacam em um grupo, notadamente devido a uma comunicação verbal elaborada e refinada. A presença dessa síndrome não implica necessariamente em dificuldades sociais marcantes, o que a diferencia de outras formas de TEA.¹⁷

Crianças que vivenciam a Síndrome de Asperger, em geral, apresentam menos atrasos em seu desenvolvimento global. Um traço distintivo é a notável capacidade de memorização, destacando-se em áreas como sequências matemáticas, compreensão de mapas e expressões artísticas, como música e pintura. É fundamental reconhecer a singularidade de cada indivíduo com Síndrome de Asperger, evitando generalizações e compreendendo as potencialidades que essa condição pode oferecer em campos específicos, contribuindo para uma apreciação mais abrangente e inclusiva da diversidade no espectro autista.¹⁸

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é reconhecido como um distúrbio do desenvolvimento que resulta em um impacto abrangente na interação social. Isso se manifesta por meio de comportamentos repetitivos, restritos e desafios relacionados à comunicação social, tanto em crianças quanto em adultos. Indivíduos diagnosticados com TEA frequentemente enfrentam dificuldades na linguagem, sendo comum a ausência de desenvolvimento espontâneo da fala. Muitas vezes, é necessário recorrer a intervenções especializadas, como a assistência de fonoaudiólogos, para promover habilidades de comunicação.¹⁹

Outro aspecto distintivo do Autismo é a hipersensibilidade frequentemente reportada pela maioria dos indivíduos afetados. Essa sensibilidade pode se manifestar em diversos sentidos, como olfato, audição, tato e outros estímulos sensoriais. Mesmo estímulos moderados podem desencadear respostas intensas e, por vezes,

¹⁷ ONLINE. Psicologia. Teoria de Skinner: behaviorismo e condicionamento operante. Disponível em: <https://br.psicologia-online.com/teoria-de-skinner-behaviorismo-e-condicionamento-operante-226.html>. Acesso em: 11 nov. 2023

¹⁸ ONLINE. Psicologia. Teoria de Skinner: behaviorismo e condicionamento operante. Disponível em: <https://br.psicologia-online.com/teoria-de-skinner-behaviorismo-e-condicionamento-operante-226.html>. Acesso em: 11 nov. 2023

¹⁹ ONLINE. Psicologia. Teoria de Skinner: behaviorismo e condicionamento operante. Disponível em: <https://br.psicologia-online.com/teoria-de-skinner-behaviorismo-e-condicionamento-operante-226.html>. Acesso em: 11 nov. 2023

insuportáveis para crianças e adultos que convivem com o TEA. É crucial reconhecer a complexidade e a individualidade do espectro autista, compreendendo que as dificuldades linguísticas e as sensibilidades sensoriais são apenas alguns dos desafios enfrentados. A abordagem terapêutica e de apoio precisa ser holística, considerando as necessidades específicas de cada pessoa com TEA, visando promover uma melhor qualidade de vida e inclusão na sociedade.²⁰

Enquanto o Autismo muitas vezes revela sinais precoces, observáveis entre 1 ano e meio e 3 anos de idade, a Síndrome de Asperger geralmente se manifesta mais tardiamente. Uma característica distintiva é a falta de reciprocidade nas interações sociais, algo atípico para crianças que não estão no espectro autista. Além disso, crianças com autismo tendem a não estabelecer comunicação visual, o que muitas vezes leva os pais a procurarem avaliação médica. A dinâmica é diferente na Síndrome de Asperger, onde as características se desenvolvem ao longo do crescimento da pessoa. É crucial ressaltar que o diagnóstico nesse caso depende da observação dos sinais que se desdobram em cada fase do desenvolvimento.²¹

É importante destacar que, no Autismo, a ausência de reciprocidade nas interações sociais, combinada com a falta de comunicação visual, muitas vezes se torna evidente em estágios iniciais da infância, levando os pais a buscarem a orientação de profissionais de saúde. Por outro lado, na Síndrome de Asperger, as características podem emergir de maneira mais sutil à medida que a pessoa cresce, tornando o processo de diagnóstico mais desafiador. A compreensão dessas nuances temporais é vital para garantir uma intervenção adequada e o suporte necessário ao longo do desenvolvimento de indivíduos com diferentes formas do espectro autista.²²

Nesse sentido, fica evidente que para entender a pessoa com transtorno de espectro autista (TEA) é preciso entender o seu jeito de pensar, se relacionar e agir, ou seja, procurar vê-lo como alguém que apresenta modos diferentes e por isso necessita de respeito. Portanto, não é um sujeito incapaz de, mas, que pode fazer as

²⁰ CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. *Psicologia & Sociedade*. Porto Alegre: 2009, vol.21, n.1, p. 65-74. Disponível <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n1/08.pdf> Acesso em: 11 nov. 2023

²¹ CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. *Psicologia & Sociedade*. Porto Alegre: 2009, vol.21, n.1, p. 65-74. Disponível <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n1/08.pdf> Acesso em: 11 nov. 2023

²² ONLINE. *Psicologia*. Teoria de Skinner: behaviorismo e condicionamento operante. Disponível em: <https://br.psicologia-online.com/teoria-de-skinner-behaviorismo-e-condicionamento-operante-226.html>. Acesso em: 11 nov. 2023

coisas de maneira diferente. Pesquisas demonstram uma série de fatores que justificam toda essa dificuldade de comunicação e interação das pessoas com transtorno de espectro autista (TEA). Dados mostram que as estruturas cerebrais apresentam sintomas bem diferenciados de uma pessoa com transtorno de espectro autista (TEA) para uma pessoa que não possui TEA²³.

As crianças com TEA também tem dificuldades de planejar e executar tarefas e muitas vezes o apego às rotinas é algo que lhe causa conforto e segurança. Pesquisas também revelam que as pessoas com transtorno de espectro autista não conseguem “juntar partes de informações para formar um todo”, ou seja, elas não entendem como esse todo acontece, pois, centralizam sua atenção nos detalhes, sem levar em conta o contexto histórico da atual situação onde está inserido, ficando evidenciado que o diagnóstico das pessoas com transtorno de espectro autista é realizado através do seu histórico de vida e de observação minuciosa do seu comportamento, desde a gestação da mãe até os dias atuais²⁴.

Os primeiros sintomas das crianças com transtorno de espectro autista podem ser observados por seus pais desde muito cedo, a partir dos estímulos nos primeiros meses de vida do bebê e ao longo do seu desenvolvimento, o diagnóstico com pode ser obtido próximo dos 3 anos de idade, fazendo assim, um levantamento de toda a vida da criança e tudo o que lhe parecer suspeito ao seu desenvolvimento. Nesse sentido, pais, babás e familiares serão os principais canais de comunicação e informação e que ajudarão aos profissionais a construir um bom diagnóstico, uma vez que qualquer detalhe é parte das ferramentas indispensáveis para conhecer com profundidade a criança observada²⁵.

Uma das principais características do transtorno de espectro autista é a falta de interesse com o social, como também, sua dificuldade em interpretar sinais e símbolos, tornando-se difícil sua comunicação verbal e não verbal, e conseqüentemente, gera a falta de interesse em determinados assuntos. As pessoas com transtorno de espectro autista têm padrões variados. Alguns têm seus próprios interesses, suas próprias características, são repetitivos e estereotipados. Outros

²³ CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. *Psicologia & Sociedade*. Porto Alegre: 2009, vol.21, n.1, p. 65-74. Disponível <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n1/08.pdf> Acesso em: 17 abr. 2023

²⁴ SILVA. Ana Beatriz Barbosa. *Mundo Singular - Entenda o Autismo*, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012. P.129

²⁵ SILVA. Ana Beatriz Barbosa. *Mundo Singular - Entenda o Autismo*, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012. P.129

ainda, pulam, balançam o corpo para frente e para trás, balançam as mãos, batem palmas, fazem caretas ou ficam incessantemente vislumbrada, observando um único objeto, manifestando preferências exageradas por trens, aviões, dinossauros, bandeiras, carros e outros, e por não interagir com os demais, tem dificuldades em participar de grupos e fazer planejamento de longo prazo. Há também aqueles que são disruptivos, ou seja, seguem um padrão de vida rotineira e não gostam de quebrar suas rotinas, e quando isso acontece, o deixa desconcertado e irritado²⁶.

Diante o exposto, cabe salientar a importância da socialização para essas pessoas que apresentam transtorno de espectro autista. A forma de socialização do indivíduo com TEA tende a ser restritiva, uma vez que esse lugar lhe parece muitas vezes como algo ameaçador. Por isso, eles evitam o toque, o olhar, a relação. No entanto, é papel da família e da escola buscar a interação, sem agredir a pessoa com TEA. A primeira reação que pode mostrar que essa socialização está acontecendo é quando o indivíduo com TEA aceita “olhar nos olhos”, “ser tocado”, pois significa que ele começa a interagir com o outro. Tais atitudes são processuais, graduais, e não acontecerá com todos ao mesmo tempo²⁷.

1.2 O Autismo na História

Os autistas eram conhecidos como esquizofrênicos que viviam acometidos ao isolamento social. É somente em 1911, que o psiquiatra austríaco Eugen Brauwler. Inicia estudo na área. Ele é o primeiro a utilizar a palavra “Autismo”, que deriva do grego “Autos”, que quer dizer: “Voltar-se para si mesmo”. Essa palavra surgiu devido às suas observações com pessoas esquizofrênicas. Mais tarde foram surgindo novas pesquisas com crianças que desde o início de suas vidas já apresentavam isolamento extremo, tinham, portanto, traços diferenciados de outras crianças, pois não gostavam

²⁶ COSTA, Flávia Fernanda. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, RS: ANPED, 2012. P. 38

²⁷ BELISÁRIO FILHO, José Ferreira. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento / José Ferreira Belisário Filho, Patrícia Cunha. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial ; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010. P 29

de mudanças na sua rotina, repetiam as falas das pessoas, tinham preferências por objetos inanimados ao invés das pessoas, entre outras características²⁸.

De acordo com Silva, foi somente em 1943, que o psiquiatra infantil austríaco Leon Kanner, em meio às suas pesquisas de observação, relacionou essas características das crianças autistas ao comportamento e cuidados que as mães das mesmas lhes dedicavam, e criou o conceito da “mãe geladeira”, referindo ao conceito dessas mães serem frias e pouco afetivas com suas crianças. Mais tarde, o autor veio a público para retratar-se de tal conceito, tendo em vista que o mesmo gerou muita controvérsia e sofrimento para as famílias. Em 1944, o pesquisador austríaco Hans Asperger observou e avaliou o comportamento e as habilidades de 400 crianças e descreveu sobre diversas características como a falta de empatia, pouca ou nenhuma interação social, causando até mesmo, certas dificuldades de fazer amizades, além de hiperfoco em alguns assuntos. Em especial destacou coordenação motora bem reduzida ou nenhuma, dificuldades na comunicação e linguagem²⁹.

Enfim, somente na década de 80 que estudiosos constroem bases mais sólidas a respeito do assunto, com maior cuidado ao diagnóstico e critérios para não interferir nas evidências. Há uma distinção entre a esquizofrenia e o quadro autístico, sendo este tratado como um distúrbio do desenvolvimento³⁰. Segundo Orrú, até 1989, dizia-se, estatisticamente, que a síndrome acometia crianças com idade a cada dez mil nascidas. Manifestava-se, majoritariamente, em indivíduos do sexo masculino, sendo a cada quatro casos confirmados três do sexo masculino e um caso para o feminino³¹.

No contexto mundial, no dia 02 de abril de 2007, a ONU decretou o Dia Mundial da Conscientização do Autismo (World Autism Awareness Day – WAAD), celebrada no ano seguinte por pessoas de várias partes do planeta. No Brasil, esse dia foi comemorado com vários monumentos importantes iluminados de azul (Cor definida para o Autismo). Essa iniciativa do Brasil foi um marco importante para fortalecer e integrar a luta dos países que apoiam o WAAD. Em 1983, aqui no Brasil,

²⁸ BRITO, R. M. T. de. QUANDO A INCLUSÃO ACONTECE: analisando o processo de inclusão de uma criança autista em uma escola da rede pública de João Pessoa. Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia. João Pessoa: UFPB, 2013. P. 19

²⁹ SILVA. Ana Beatriz Barbosa. Mundo Singular - Entenda o Autismo, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012. P.112

³⁰ SILVA. Ana Beatriz Barbosa. Mundo Singular - Entenda o Autismo, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012. P.114

³¹ ORRÚ, Silva Ester. Autismo, Linguagem e Educação- interação social no cotidiano escolar. 3 ed.-Rio de Janeiro: Wak Ed., 2012. P. 23

especificamente em São Paulo, no dia 08 de agosto foi fundada a Associação de Amigos do Autista (AMA), organizada por um grupo de pais na sua maioria com filhos com TEA, cujo objetivo era, “acolher, informar e capacitar famílias e profissionais” a entender e trabalhar com um papel social para ajudar todas as famílias que necessitam de apoio³².

Pode-se afirmar que o TEA não se restringe a raça, cor ou até mesmo grupo social e que ainda não há uma explicação científica para o seu surgimento e segundo pesquisa, a cada dez mil nascimentos, vinte crianças possuem algum nível de TEA e esses números vem crescendo a cada ano³³.

Nesse sentido, acaba sendo bem difícil ter o diagnóstico que seu filho tem TEA e perceber que todo seu planejamento terá que ser modificado. Quando recebem o diagnóstico com a comprovação de que seu filho tem Transtornos do Espectro Autista (TEA), muitos têm sua vida transformada radicalmente, e na maioria das vezes, necessitam de algumas ferramentas e suporte profissional para superar o medo. Desse modo, a situação da família fica pior, pois sem ajuda adequada não é fácil que os pais desenvolvam olhares novos frente aos muitos desafios que os esperam³⁴.

Além disso, é imprescindível a presença de profissionais especializados para ajudarem esses pais, fazendo um levantamento sobre os comportamentos e o desenvolvimento da criança, podendo assim, direcionar a criança para desenvolver a sua própria independência. A criança com TEA precisa entender e aprender a ler o mundo a sua volta, uma vez que, as mesmas sofrem de um “conjunto de sintomas, com alteração em três áreas específicas: a socialização, a linguagem/comunicação e o comportamento”³⁵.

É bom que os pais conheçam sobre o TEA e sobre o que acarreta suas dificuldades e superações. Buscar informações em grupos de apoio, escolas, profissionais especializados ou até mesmo em experiências com outros pais que

³² FUMEGALLI, Rita de Cássia de Ávila - Inclusão escolar: O desafio de uma educação para todos? - Ijuí – RS, 2012 – Disponível em: http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/716/rita_monografia.pdf?sequence=1 Acesso em: 17 abr. 2023

³³ CUNHA, Eugênio. Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak, 2014. P. 23

³⁴ ORRÚ, Silva Ester. Autismo, Linguagem e Educação- interação social no cotidiano escolar. 3 ed.-Rio de Janeiro: Wak Ed., 2012. P. 23

³⁵ CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. Psicologia & Sociedade. Porto Alegre: 2009, vol.21, n.1, p. 65-74. Disponível <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n1/08.pdf> Acesso em: 17 abr. 2023

vivem a mesma situação, já torna mais aliviada a grande jornada que os pais junto com suas crianças irão enfrentar. Outro aspecto a ser considerado é que os pais necessitam inserir a criança com TEA nas rotinas domésticas e esportivas para que a mesma comece a vivenciar experiências sociais e familiares. Assim, os pais podem se sentir seguros para desfrutar de momentos íntimos que o façam fortalecer sua relação de casal, uma vez que o cuidado com sua saúde e com o seu emocional, traz grande impacto nas suas atitudes³⁶.

2 A INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM AUTISMO

A chegada da criança com autismo na escola regular gera grande preocupação tanto por parte da família quanto da escola. Nesse momento a família e os profissionais da educação se questionam sobre a inclusão dessas crianças, pois a escola necessita de adequações, pois receber alunos com deficiência, mais especificamente com transtornos invasivos do desenvolvimento, é um desafio que as escolas enfrentam diariamente, pois pressupõe utilizar de adequações ambientais, curriculares e metodológicas³⁷.

Assim, para que haja inclusão escolar, é necessário comprometimento por parte de todos os envolvidos, ou seja, alunos, professores, pais, comunidade, diretor, enfim, todos que participem da vida escolar direta ou indiretamente, para que o acesso esteja garantido, torna-se necessário assegurar a permanência com qualidade. Assim sendo, é essencial focar nos potenciais de cada aluno, é necessário que o educador transmita confiança e segurança para este, para que ele aprenda de forma significativa. Além disso, para que haja esse ensino de qualidade é necessário currículo apropriado de modo que promova modificações organizacionais, estratégias de ensino e uso de recursos, dentre outros.³⁸

Quando a criança chega à escola os professores devem ter em mente que além de conteúdos escolares a serem aprendidos pela criança é necessário que ele se

³⁶ CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. *Psicologia & Sociedade*. Porto Alegre: 2009, vol.21, n.1, p. 65-74. Disponível <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n1/08.pdf> Acesso em: 17 abr. 2023

³⁷ BOSA, Cleonice Alves. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, Claudio; BOSA, Cleonice (org.). *Autismo e educação: atuais desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2002. P. 22-39.

³⁸ SCARDUA, Valéria Mota. A inclusão escolar e o ensino regular. *Revista FACEVV*, n. 1, p. 85-90, 2008. Disponível em: <http://www.facevv.edu.br/Revista/01/A%20INCLUS%C3%83O%20E%20O%20ENSINO%20REGULAR.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023

torne independente, capaz de desenvolver atividades do dia-a-dia por si só, pois muitas vezes os pais realizam tarefas que as crianças poderiam realizar sozinhas³⁹.

Cabe ao professor ajudar a tornar o aluno mais independente, produtivo e também mais aceito socialmente. No entanto, é preciso determinar o que é funcional, e isso depende de diversos fatores, pois aquela habilidade que pode ser considerada funcional numa determinada comunidade, poderá não ser em outra. Portanto, ao eleger-se os objetivos funcionais para ensinar, é necessário ter em mente aquilo que a pessoa portadora de deficiência necessita aprender para ser exitosa e aceitável em seu meio, como qualquer outra dessa mesma comunidade⁴⁰.

De acordo com Santos, partindo do pressuposto de que é necessário saber o que cada criança necessita aprender, é importante também a constante análise e avaliação do currículo proposto durante o processo de ensino-aprendizagem. A partir disso, o educador poderá avaliar o educando em seus avanços e entraves. No entanto, para que o educador consiga fazer essa relação sobre o que e como ensinar o aluno com autismo é necessária formação adequada, caso contrário a metodologia utilizada em sala não servirá para alcançar o objetivo desejado, que é a aprendizagem. Esse é um grande problema encontrado nas escolas, pois os professores não estão preparados para lidar com essas crianças, pela falta de formação⁴¹.

A inclusão das crianças com autismo na escola regular, precisa de atenção de todos os envolvidos, para que a escola possa promover a inclusão do autista é necessário que os profissionais que nela atuam tenham uma formação especializada, que lhes permita conhecer as características e as possibilidades de atuação destas crianças. Nesse sentido, o professor deve ter consciência da importância da aprendizagem, em especial à criança autista, na medida em que a mudança de suas crenças e atitudes, pois toda criança é capaz de aprender basta um olhar reflexivo para quais habilidades esta possui, assim é possível focar em suas aptidões. Além

³⁹ SANTOS, Ana Maria Tarcitano dos. Autismo: desafios na alfabetização e no convívio escolar. 2008. 36 f. Trabalho de Conclusão (Curso de Distúrbios de Aprendizagem) – Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.crda.com.br/tccdoc/22.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

⁴⁰ SANTOS, Ana Maria Tarcitano dos. Autismo: desafios na alfabetização e no convívio escolar. 2008. 36 f. Trabalho de Conclusão (Curso de Distúrbios de Aprendizagem) – Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.crda.com.br/tccdoc/22.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

⁴¹ SANTOS, Ana Maria Tarcitano dos. Autismo: desafios na alfabetização e no convívio escolar. 2008. 36 f. Trabalho de Conclusão (Curso de Distúrbios de Aprendizagem) – Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.crda.com.br/tccdoc/22.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

disso, é importante que a criança autista interaja com outras crianças, pois, para ultrapassar os déficits sociais dessas crianças, é preciso possibilitar o alargamento progressivo das experiências socializadoras, permitindo o desenvolvimento de novos conhecimentos e comportamentos⁴².

O convívio de uma criança autista no ensino regular irá favorecer o seu desenvolvimento e de seus pares. Porém, quando não há ambiente apropriado e condições adequadas à inclusão, a possibilidade de ganhos no desenvolvimento cede lugar ao prejuízo para todas as crianças. Isso aponta para a necessidade de reestruturação geral do sistema social e escolar para que a inclusão se efetive⁴³.

A rotina diária é muito importante na educação do autista, a qual não deve ser alterada, pois qualquer mudança pode refletir no comportamento da criança, para haver realmente uma inclusão escolar da criança com autismo é importante levar em consideração qual a necessidade desta, a partir disso deve-se fazer as adaptações na sala de aula, é importante que o autista se sinta próximo ao professor, a quebra de uma rotina pode desencadear um comportamento agitado no qual a criança se recusa a ir em frente enquanto não se retorne ao padrão anterior, a rotina para estas crianças é fundamental para que consigam se organizar no espaço e tempo e assim consigam aprender⁴⁴.

Para manter a atenção dos alunos durante as aulas é necessário que o professor utilize métodos educacionais que tenham por objetivo fazer com que a criança autista seja de fato incluída e seu processo de ensino aprendizagem efetivado, portanto, muitos estudos são realizados sobre diferentes métodos⁴⁵.

O método Picture Exchange Communication System (PECS) é um exemplo de como uma criança pode exercer um papel ativo utilizando velcro ou adesivos para indiciar o início, alterações ou final das atividades. Esse método facilita a comunicação

⁴² CHAVES, Maria José; ABREU. Márcia Kelma de Alencar. Currículo inclusivo: proposta de flexibilização curricular para o aprendente autista. 2014. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_11_11_2014_0_0_14_48_idinscrito_1032_21baa4b98f17f639f8e420243e5ad478.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023

⁴³ BOSA, Cleonice Alves. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, Claudio; BOSA, Cleonice (org.). Autismo e educação: atuais desafios. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 22-39.

⁴⁴ LOPES, Daniele Centeno; PAVELACKI, Luiz Fernandes. Técnicas utilizadas na educação de autistas. 2005. 11 p. Disponível em: <<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2005/artigos/pedagogia/20.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

⁴⁵ BOSA, Cleonice Alves. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, Claudio; BOSA, Cleonice (org.). Autismo e educação: atuais desafios. Porto Alegre: Artmed, 2002. P. 49

e a compreensão quando atividades e símbolos são associados. Isso porque o método PECS trabalha através de cartões e figuras em que a criança consegue se expressar, pois associa a imagem com o que ela deseja. Outro método muito utilizado que tem como base a informação visual, é o método Treatment and Education of Autistic and related Communication-handicapped Children⁴⁶.

Há também o método Son-Rise que busca fazer com que todos os envolvidos com a criança autista sejam capazes de juntos construírem novas maneiras de comunicação e interação, através de atividades lúdicas que forneçam o aprendizado, a autonomia e a inclusão. Esse é um dos métodos mais utilizados no Brasil, devido melhora significativa durante o tratamento da criança no espectro autista, pois oferece uma abordagem educacional prática e abrangente para inspirar as crianças, adolescentes e adultos com autismo a participarem ativamente em interações divertidas, espontâneas e dinâmicas com os pais, outros adultos e crianças⁴⁷.

2.1 A questão escolar do estudante autista

Com o passar dos anos, a nossa sociedade começa a ter uma convivência social menor, as casas se tornam menores, os vínculos de amizade diminuem, as brincadeiras e a convivência ao ar livre já não nos trazem sentimento de segurança. Essa é a realidade que vivemos hoje e a escola acaba se tornando a nossa primeira experiência social. Lá se aprende a viver e a conviver em grupo, a desenvolver funções em equipe, a criar amizades e vínculos, a socializar e mostrar as qualidades e aptidões, caminhar sozinha, seguir regras e desenvolver tarefas⁴⁸.

No que tange uma criança com necessidades especiais, a entrada na escola gera inúmeras expectativas. Entretanto, para uma criança que possui TEA, essa tarefa torna-se bem mais difícil, pois envolve interação, comunicação e comportamentos específicos, para um contexto absolutamente novo, existe uma diversidade de condutas que podem ser reveladas, o professor não pode generalizar. Para uma

⁴⁶ BOSA, Cleonice Alves. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, Claudio; BOSA, Cleonice (org.). Autismo e educação: atuais desafios. Porto Alegre: Artmed, 2002. P. 49

⁴⁷ TOLEZANI, Mariana. Son-rise uma abordagem inovadora. Revista Autismo: informação gerando ação, São Paulo, ano 1, n. 0, set. 2010. P. 8-10

⁴⁸ TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; BRASÍLIA, Maria Chiari. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da Síndrome de Asperger. Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol., São Paulo, v. 13 n. 3, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342008000300015&script=sci_arttext>. Acesso em: 17 abr. 2023

criança com traços de autismo leve toda essa rotina é facilmente desenvolvida e acompanhada, com pequenas adaptações pedagógicas, as adaptações são maiores, uma vez que esse aluno possui maiores dificuldades de comportamento que comprometem a socialização e a comunicação com os demais colegas e o professor⁴⁹.

Para as crianças que apresentam o autismo clássico, portanto, possuem um déficit intelectual associado, “para que essa adaptação possa acontecer, a criança necessitará de acompanhamento educacional personalizado e individual”. Assim, a presença de cuidadores é muito importante para tais casos. À medida que se conhece o TEA, se entende que alguns possuem um grau de hipersensibilidade bem elevado e isso lhe causa bastante sofrimento, pois, o que para nós é algo normal, para eles poderá parecer insuportável, como falar alto ou simplesmente tocá-lo. Por isso, na escola, os professores precisam estar atentos para esses sinais a fim de buscar diversas formas de promover a interação entre a criança com TEA e os demais da sala, propondo sempre atividades que favoreçam contato, sem forçar⁵⁰.

É de suma importância inserir a criança com autismo nas atividades de rotina, bem como em todas as atividades programadas, sem dispensar as adaptações. Uma forma de integrar a criança com TEA na sala é convidá-la a ajudar em pequenas tarefas (como entregar folhas de papel para as demais crianças), uma vez que, essa pequena tarefa poderá trazer grande interação com os demais. Do mesmo modo, as crianças da turma precisarão ser sempre reforçadas a respeitar e ajudar a criança com TEA, para que a mesma possa se sentir acolhida no ambiente escolar⁵¹.

O professor precisa ficar atento é a maneira de explicar tais situações para que os alunos com TEA possam entender, uma vez que os mesmos não entendem palavras de duplo sentido ou metáforas. Dessa forma, toda explicação para o aluno com TEA tende a ser muito bem explicada, para que essa situação não gere nele uma desorganização ou desentendimento. Na alfabetização das crianças com TEA, se faz necessário o professor e equipe da sala de Atendimento Educacional Especializado

⁴⁹ TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; BRASÍLIA, Maria Chiari. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da Síndrome de Asperger. Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol., São Paulo, v. 13 n. 3, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342008000300015&script=sci_arttext>. Acesso em: 17 abr. 2023

⁵⁰ SILVA. Ana Beatriz Barbosa. Mundo Singular - Entenda o Autismo, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012. P.75

⁵¹ SILVA. Ana Beatriz Barbosa. Mundo Singular - Entenda o Autismo, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012. P.75

(AEE), muita criatividade para estimular a criança e sua aprendizagem e para isso é preciso de adaptação. O uso de materiais concretos e visuais que possam ser inseridos junto à criança age como facilitador desse aprendizado⁵².

É necessário considerar que a criança com TEA, na sua socialização escolar, não irá entender que ao pegar um brinquedo do coleguinha e ele chorar, seu choro será por causa do brinquedo tomado de suas mãos. Tem dificuldade que ao devolver o brinquedo, logo seu coleguinha cessará o choro. Ao contrário disso, a criança com TEA, ficará apática, olhando seu coleguinha chorando e não entenderá o motivo do seu choro e o que lhe está causando tamanha tristeza. São sentimentos assim, que o sujeito com TEA não sabe decifrar, e nesse momento o professor ou cuidador reforçará na criança o estímulo correto na atitude de entregar o brinquedo à criança para que a mesma pare de chorar e explicar de forma simples que, toda vez que ele pegar um brinquedo do coleguinha sem pedir emprestado e o coleguinha chorar, deve-se devolver e pedi-lhe desculpas⁵³.

3 A IMPORTÂNCIA DO MÉTODO ABA NA INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS

A Constituição Federal de 1988 instituiu a educação como um direito essencial e o Estado deve assegurar a efetivação de sua prestação, assim como preceitua o artigo 205, 206 e 208 da Carta Magna:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

V - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por

⁵² LOPES, Daniele Centeno; PAVELACKI, Luiz Fernandes. Técnicas utilizadas na educação de autistas. 2005. 11 p. Disponível em: <<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2005/artigos/pedagogia/20.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

⁵³ LOPES, Daniele Centeno; PAVELACKI, Luiz Fernandes. Técnicas utilizadas na educação de autistas. 2005. 11 p. Disponível em: <<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2005/artigos/pedagogia/20.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

VII - garantia de padrão de qualidade.

VIII - piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

IX - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 108, de 2020)

Parágrafo único. A lei disporá sobre as categorias de trabalhadores considerados profissionais da educação básica e sobre a fixação de prazo para a elaboração ou adequação de seus planos de carreira, no âmbito da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009) (Vide Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

II - progressiva universalização do ensino médio gratuito; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996)

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

V - acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009)

§ 1º O acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo.

§ 2º O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente.

§ 3º Compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola⁵⁴.

Dessa maneira, fica evidenciado, que a Educação Especial, foi garantida à todas as pessoas com qualquer tipo de necessidade, com igual oportunidade de

⁵⁴ BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 18n abr. 2023

ensino, assim como cabe salientar o artigo 58 da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, nos termos do caput deste artigo, tem início na educação infantil e estende-se ao longo da vida, observados o inciso III do art. 4º e o parágrafo único do art. 60 desta Lei. (Redação dada pela Lei nº 13.632, de 2018)⁵⁵

Assim, fica claro que a lei atua em favor de todos, em suas necessidades, garantindo os serviços de apoio especializado para a inclusão social ocorrer de fato, diante o exposto cabe salientar as conquistas para a Educação Inclusiva⁵⁶. As escolas inclusivas devem reconhecer as necessidades diversas dos alunos com necessidades especiais, adaptando-se os vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos através de currículos adequados, com organização escolar, utilização dos recursos disponibilizados, estratégias pedagógicas⁵⁷.

Dessa maneira, as escolas passaram a ser analisadas admitindo os processos de intervenção que propiciaram a educação de qualidade para todos, assumindo as diversidades como algo natural e essencial para atitudes em obter uma sociedade mais inclusiva. Diz-se isso, na medida em que a criança autista tem suas singularidades e necessidades diferenciadas e deve ser considerado a dificuldade no cotidiano em relação ao convívio social e na vida escolar⁵⁸.

⁵⁵ BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes da educação nacional. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/busca?q=art.+58+da+lei+de+diretrizes+e+bases++lei+9394%2F96>. Acesso em: 18 abr. 2023

⁵⁶ HEWITT, S. Compreender o Autismo. Estratégias para alunos com autismo nas escolas regulares. Porto: Porto, 2006. P. 49.

⁵⁷ SILVA. Ana Beatriz Barbosa. Mundo Singular - Entenda o Autismo, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012. P.91

⁵⁸ LEAR, K. Ajude-nos a aprender. Um programa de treinamento em ABA (Análise de Comportamento Aplicada) em ritmo auto estabelecido. 2ª Ed. Toronto, 2004. P. 52

De acordo com Almeida, o ser humano já nasce programado para criar suas vinculações sócias, no entanto destaca que o desenvolvimento social só acontece na continuidade e no encadeamento das interações, sejam elas em qualquer estágio da vida⁵⁹.

O referido autor ainda esclarece que o desenvolvimento social é determinado principalmente pelas transformações biológicas esperadas, por meio das condições do meio que envolve a criança, ainda pelas convivências sociais que a circunda e o desenvolvimento cognitivo da criança dentre outros, a capacidade social também é passível de ser conquistada⁶⁰.

Tendo em vista que, com o desenvolvimento adequado da criança, sua autonomia aumenta, assim como as possibilidades de apresentarem outros conteúdos mais formais, que mesmo com suas limitações, é concebível o aprendizado novo, sendo possível o desenvolvimento cada vez mais produtivo. Tendo em vista as dificuldades particulares de cada criança com autismo, percebe-se que a escola deve-se atentar a necessidade de uma intervenção que atenda às necessidades individuais⁶¹.

Nesse sentido, a ABA, que vem sendo utilizada como modelo de intervenção eficaz no comportamento do autista que diante inúmeros benefícios, contribui para resultados positivos e proveitosos quanto ao desenvolvimento pedagógico e cognitivo da pessoa com autismo. A Análise Comportamental Aplicada (ABA) é um termo que tem origem no campo científico do Behaviorismo que trata de observar, analisar e também de explicar o vínculo entre a aprendizagem, o comportamento e o ambiente⁶².

Entretanto, pode-se afirmar que ABA é a prática, a análise do comportamento que consiste em execução de métodos de análises comportamentais e de dados científicos e objetivando modificar o comportamento e vem sendo extensivamente utilizada na assistência a pessoas com autismo, pois o acompanhamento do autista com a aplicação do método ABA demanda o ensino individualizado e intensivo das

⁵⁹ ALMEIDA, A. As relações entre pares em idade escolar. Um estudo de avaliação da competência social pelos métodos Qsort. Tese/ doutorado. Universidade do Minho, Braga, 1997.

⁶⁰ ALMEIDA, A. As relações entre pares em idade escolar. Um estudo de avaliação da competência social pelos métodos Qsort. Tese/ doutorado. Universidade do Minho, Braga, 1997.

⁶¹ LEAR, K. Ajude-nos a aprender. Um programa de treinamento em ABA (Análise de Comportamento Aplicada) em ritmo auto estabelecido. 2ª Ed. Toronto, 2004. P. 52

⁶² LEAR, K. Ajude-nos a aprender. Um programa de treinamento em ABA (Análise de Comportamento Aplicada) em ritmo auto estabelecido. 2ª Ed. Toronto, 2004. P. 52

competências essenciais para que a pessoa possa se tornar independente com uma melhor qualidade de vida⁶³.

As habilidades trabalhadas envolvem os comportamentos sociais, a comunicação funcional e o estabelecimento de contrato visual, englobando as práticas acadêmicas em especial a leitura, escrita, matemática e a higiene pessoal. O tratamento comportamental inclui a redação de comportamentos como agressões verbais e não verbais, fugas, tendo em vista que esses comportamentos influem não somente na integração do autista, mas em seu desenvolvimento⁶⁴.

O referido autor ainda complementa que a metodologia ABA é o uso científico dos princípios da abordagem comportamental para desenvolver, manter e aumentar comportamentos desejados e diminuir comportamentos indesejados, envolvendo uma série de diferentes estratégias, que podem ser utilizadas em variadas situações para modificar ou ensinar novos comportamentos. As experiências que deram origem a essa terapia do comportamento apresentaram benefícios relevantes ao clínico, pois envolve o treinamento da observação das condutas verbais e não verbais, tanto em consultórios como em casa e na escola, reunindo assim, dados relevantes para toda a conjuntura do tratamento⁶⁵.

O método ABA estuda a influência que o meio desempenha e verifica as possíveis hipóteses e interferências desse no comportamento da criança autista. Outra competência é o entendimento daquilo que é verificado como um procedimento comportamental, com constantes interações e com isso, a possível conquista de mudança⁶⁶.

Nesse sentido, há uma relação contínua entre o terapeuta e o educador, dado que, para aquele que analisa o comportamento, ser terapeuta é o mesmo que agir como o próprio educador, já que envolve procedimentos do processo de ensino aprendizagem. Um dos principais fundamentos da metodologia ABA é que o comportamento é definido por alguma ação que pode ser verificada e contada sempre

⁶³ TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; BRASILIA, Maria Chiari. Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da Síndrome de Asperger. Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol., São Paulo, v. 13 n. 3, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342008000300015&script=sci_arttext>. Acesso em: 18 abr. 2023

⁶⁴ ANDERSON, A. Tales from table: Lovaas/ABA intervention with children on the autistic spectrum. Pentoville: Road London, 2007. P. 10

⁶⁵ ANDERSON, A. Tales from table: Lovaas/ABA intervention with children on the autistic spectrum. Pentoville: Road London, 2007. P. 10

⁶⁶ WINDHOLZ, M. H. Autismo infantil: terapia comportamental. In: SCHWARTZMAN, J. S.; ASSUMPÇÃO JÚNIOR, F. B. (Eds.) Autismo infantil. São Paulo: Memnon, 1995. P. 179-210.

com uma regularidade e duração, trata-se de identificar as relações entre os acontecimentos do seu meio e as reações do seu organismo⁶⁷.

Todavia, pode-se afirmar que a metodologia do ABA tende a promover a qualidade de vida da criança com autismo e também de toda a sua família, na medida em que possibilitam seu desenvolvimento cognitivo e pedagógico, oferecendo um processo integrado e significativo para a criança, tendo em vista que é programado para atender as necessidades individuais⁶⁸.

3.1 A análise do comportamento aplicada ao ABA

A ABA foi originada a partir da descoberta de B. F. Skinner, juntamente com outros pesquisadores como Ivan Pavlov, Watson, John B. e Edward Thordike, pelo qual fundamentaram os princípios que regiam o Behaviorismo Radical e foram considerados como pioneiros que trataram sobre a temática. A esse respeito, Lear afirma que: O livro de B. F. Skinner, lançado em 1938, “The Behavior of Organisms” (O comportamento dos organismos), descrevia sua mais importante descoberta, o Condicionamento Operante, que é o que usamos atualmente para mudar ou modificar comportamentos e ajudar na aprendizagem. Condicionamento Operante significa que um comportamento seguido por um estímulo reforçador resulta em uma probabilidade aumentada de que aquele comportamento ocorra no futuro. Em português claro isso significa que, à medida que você vai levando a vida, vão lhe acontecendo coisas que vão aumentar ou diminuir a probabilidade de que você adote determinado comportamento no futuro⁶⁹.

O Behaviorismo é uma corrente psicológica que analisa o comportamento de seres humanos e animais, fundamentando-se em análises e observações de eventos práticos, como as reações a estímulos. Conhecido também como comportamentalismo ou psicologia comportamental, o Behaviorismo teve origem nos

⁶⁷ WINDHOLZ, M. H. Autismo infantil: terapia comportamental. In: SCHWARTZMAN, J. S.; ASSUMPTÃO JÚNIOR, F. B. (Eds.) Autismo infantil. São Paulo: Memnon, 1995. P. 179-210.

⁶⁸ WINDHOLZ, M. H. Autismo infantil: terapia comportamental. In: SCHWARTZMAN, J. S.; ASSUMPTÃO JÚNIOR, F. B. (Eds.) Autismo infantil. São Paulo: Memnon, 1995. P. 179-210.

⁶⁹ LEAR, Kathy. Ajude-nos a aprender (Help us learn) Um Programa de Treinamento em ABA (Análise do Comportamento Aplicada) em ritmo auto-estabelecido. Toronto, Ontario – Canada, 2ª edição, 2004. P. 10

Estados Unidos no início do século XX, surgindo como uma resposta à psicologia introspectiva.⁷⁰

Esta teoria psicológica, ou comportamentalista, preconiza uma abordagem mais objetiva. Os behavioristas se opõem a estudos centrados exclusivamente em sentimentos, emoções e pensamentos. Os primórdios do behaviorismo estão vinculados a John Watson (1878 - 1958), psicólogo norte-americano que advogou pelo estudo do comportamento observável. Diversos estudiosos se dedicaram à investigação do behaviorismo, resultando no desenvolvimento de teorias variadas, cada uma moldada pelas conclusões e interpretações específicas. Assim, distintos tipos de behaviorismo emergiram, sendo os principais o behaviorismo metodológico e o behaviorismo radical. Esta diversidade reflete as diversas abordagens e enfoques dentro dessa corrente psicológica.⁷¹

Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), renomado psicólogo, inventor e escritor norte-americano, deixou uma marca indelével na psicologia com sua contribuição científica notável. Em 1938, publicou seu primeiro estudo intitulado "O Comportamento dos Organismos: Uma Análise Experimental", e ao longo dos anos, consolidou suas pesquisas, culminando em 1974 com a influente obra "Sobre o Behaviorismo". Neste livro seminal, Skinner delineia os princípios fundamentais da análise do comportamento, explorando como suas experimentações com animais podem ser extrapoladas para a terapia psicológica em seres humanos. O autor oferece uma perspectiva operante da psicologia, explicando como a compreensão do comportamento pode ser central para entender nossos pensamentos e influenciar o funcionamento psicológico. A obra de Skinner transcende as fronteiras da pesquisa experimental, demonstrando a aplicabilidade prática de suas ideias à compreensão e modificação do comportamento humano. Sua abordagem operante continua a inspirar e influenciar a psicologia contemporânea, destacando-se como uma contribuição duradoura no panorama da ciência psicológica.⁷²

⁷⁰ MENEZES. Pedro. Behaviorismo. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/behaviorismo/> . Acesso em: 11 nov. 2023

⁷¹ MENEZES. Pedro. Behaviorismo. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/behaviorismo/> . Acesso em: 11 nov. 2023

⁷² MENEZES. Pedro. Behaviorismo. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/behaviorismo/> . Acesso em: 11 nov. 2023

Em vista disso, nota-se que convivemos frequentemente com os fundamentos do condicionamento operante e este é mais comum do que provavelmente pensávamos, a “Análise do Comportamento Aplicada (Applied Behavior Analysis: ABA) é um termo que observa, analisa e explica a associação entre o ambiente, o comportamento humano e a aprendizagem”, ou seja, é por meio da interação entre o indivíduo e o ambiente que a aprendizagem de comportamentos são observados e explicados, além desta ciência deter extrema amplitude podendo atuar em diferentes campos de atuação e intervenções como medos e fobias, serviços de proteção à criança, estresse e relaxamento, aconselhamento de casal e família⁷³.

Uma diversidade de públicos não apenas se detendo a população atípica. A ABA teve sua origem no EUA e foi direcionada para a intervenção de indivíduos com o Transtorno do Espectro do Autismo devido seus procedimentos intensivos de ensino. A cada dia mais consolidada por ser uma intervenção baseada em evidência científica, ou seja, uma prática que possui anos de muitas pesquisas, desde 1980 se recomenda Terapia ABA para os indivíduos dentro do Transtorno do Espectro Autista⁷⁴.

Foi considerada, no Brasil, como sendo a terapia para os indivíduos com autismo devido ao elevado índice registrado desse transtorno no país, quanto mais cedo houver o diagnóstico e a aplicação dessa intervenção precocemente, mais possibilidades de resultados virão. A ABA baseia-se em procedimentos de ensino estruturado de forma intensiva, na qual é necessário de 30 a 40 horas de terapia semanais, cujo atendimento ocorre de forma individualizada, ou seja, apenas o profissional e o indivíduo. No decorrer da intervenção a interação social vai sendo promovida. É necessário que a pessoa esteja sempre motivada para a realização das atividades, de forma que são utilizados alguns itens motivacionais chamados de reforçadores, ou seja, elementos que podem estimular e favorecer uma resposta desejada⁷⁵.

⁷³ LEAR, Kathy. Ajude-nos a aprender (Help us learn) Um Programa de Treinamento em ABA (Análise do Comportamento Aplicada) em ritmo auto-estabelecido. Toronto, Ontario – Canada, 2ª edição, 2004. P. 11

⁷⁴ GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. Reizinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis. – São Paulo: Ed. N Versos, 2018. P. 64

⁷⁵ GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. Reizinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis. – São Paulo: Ed. N Versos, 2018. P. 64

Assim, para que os procedimentos da ABA sejam realizados nas instituições escolares, é fundamental que haja profissionais que reconheçam a necessidade de atendimento educacional especializado para alunos com TEA por meio dessa metodologia, a necessidade do professor titular ter na sala de aula um acompanhante especializado que uma forças na busca e planejamento de estratégias pedagógicas que possibilite o ensino dos conteúdos escolares por meio da ABA, além da disposição de um espaço que propicie o atendimento de um para um, ou seja, a criança e o profissional⁷⁶.

3.2 Os procedimentos da ABA

A princípio, para o profissional receber a certificação de Analista do Comportamento é necessário recorrer aos Estados Unidos que regulamenta esse título, pois no Brasil, não há normatização e nem aceitação da certificação vinda de outro país, porém para aplicar a metodologia ABA, o profissional deve ser graduado além de dispor de pós-graduação, mestrado ou doutorado, tornando-se mais capacitado e conhecedor da intervenção utilizada na área da Análise do Comportamento⁷⁷.

Esse currículo geralmente é amplo; incluindo habilidades acadêmicas, de linguagem, sociais, de cuidados pessoais, motoras e de brincar. A partir desse plano, da mesma forma, será realizado o levantamento de supostos itens considerados motivadores para o indivíduo, esses são chamados de reforçadores como já mencionado anteriormente⁷⁸.

Assim, os reforçadores são itens que a criança/jovem/adulto aprecia e estes se dividem em categorias: reforçadores comestíveis (chocolate, pipoca, suco); reforçadores sociais (muito bem, que lindo!, parabéns); reforçadores tangíveis (brinquedos, objetos); reforçadores físicos (cócegas, massagens, abraço) e atividades (dançar, cantar, ver um vídeo, brincar de se esconder). São esses itens que

⁷⁶ GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. Reizinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis. – São Paulo: Ed. N Versos, 2018. P. 69

⁷⁷ KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. Rev. Bras. Psiquiatr. Vol.28 suppl.1 São Paulo maio de 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S151644462006000500002>>. Acesso em: 19 abr. 2023

⁷⁸ KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. Rev. Bras. Psiquiatr. Vol.28 suppl.1 São Paulo maio de 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S151644462006000500002>>. Acesso em: 19 abr. 2023

possibilitarão a minimização ou mesmo extinção de comportamentos inadequados socialmente, assim como, as possibilidades de novos aprendizados. Esta metodologia lida diretamente com a fidedignidade de registros do comportamento de forma que, por meio desses é possível monitorar o quanto ainda é necessário modificar ou não, o comportamento⁷⁹.

Ademais, monitora-se do mesmo modo os progressos e regressos na aprendizagem desses indivíduos, objetivando reduzir as possibilidades de involuções permitindo a organização de novas estratégias afim de alcançar o aprendizado necessário, tanto quanto, evoluir para uma etapa mais complexa. Duas estratégias essenciais da ABA são o DTT (Discrete Trial Training) ou Treino de Tentativa Discreta e o Ensino Incidental também chamado de modelo Naturalista. Esta primeira baseia-se na subdivisão de uma tarefa em partes menores que possui como fim, facilitar a aprendizagem dos indivíduos por meio de um conjunto de partes simples que compõe um comportamento mais complexo⁸⁰.

Além do mais, estabelecida a quantidade de tentativas/vezes que aquela ação será repetida, até que seja aprendida, é utilizado para maximizar o aprendizado de habilidades motoras, cognitivas, de comunicação, brincar social e autocuidado visando a independência e sociabilidade do indivíduo diante das atividades mais essenciais em seu cotidiano. A segunda estratégia propõe o aprendizado em ambiente natural, ou seja, as situações cotidianas são utilizadas como oportunidades para o ensino. A título de exemplo, com a necessidade de a criança ir ao banheiro, pode ser ensinada a tirar e vestir sua roupa, garantindo sua independência quando o comportamento for aprendido. A ABA também dispõe da técnica da Aprendizagem sem erro, propondo que no decorrer dos procedimentos de ensino sejam disponibilizados alguns níveis e tipos de suporte ou ajuda para que a criança consiga concluir o que foi solicitado mesmo que sua ação não seja totalmente independente, ou seja, o aplicador a todo momento garantirá o acerto⁸¹.

⁷⁹ AMA. História da AMA. (s/d). Disponível em: <https://www.ama.org.br/site/ama/historia/> Acesso em: 19 abr. 2023

⁸⁰ AMA. História da AMA. (s/d). Disponível em: <https://www.ama.org.br/site/ama/historia/> Acesso em: 19 abr. 2023

⁸¹ BORBA, M. M. C.; BARROS, R. S. Ele é autista: como posso ajudar na intervenção? Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico-comportamental ao autismo. Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), 2018.

Nesse sentido, a criança sempre irá obter algo como consequência da sua ação. Entretanto, o reforçador é disponibilizado de acordo com o nível de dica que a mesma recebeu, por exemplo, se a criança tem o tablet como reforçador e precisou de uma dica total, o tempo que irá assistir no tablet será menor do que se tivesse feito a ação independente. Essa técnica é utilizada para novos procedimentos de ensino, pois permite que a criança não perca a motivação por ainda não realizar o comportamento de forma independente, com isso, impede que aja comportamentos inadequados como a tentativa de se esquivar daquela situação. Quando a criança começar a demonstrar mais independência na tarefa essa ajuda será, vamos dizer, uma ajuda leve. Neste caso, você deve fornecer a instrução “senta” e apenas indicar, com um toque, por exemplo, o que ela deve fazer⁸².

3.3 As funções de comportamento

A ABA estabelece que, para cada comportamento, existe uma respectiva função, para isso, se faz necessário dispor da observação para então compreendê-lo e caso haja necessidade, modificá-lo, como os chamados comportamentos-problema, o comportamento que está acontecendo tem alguma função para a pessoa, ou não estaria acontecendo. A função do comportamento seria fuga de demanda que logo após, será mais detalhada. Ainda de acordo com essa tabela é possível observar que o comportamento inadequado da criança será enfraquecido caso a terapeuta continue procedendo do mesmo modo diante de outras ocorrências e, para que este fosse fortalecido, a terapeuta liberaria a criança da mesa para um tempo livre, com isso, a criança iria repetir esse mesmo comportamento para conseguir esquivar-se de tais situações⁸³.

Habilidades específicas são introduzidas na terapia da pessoa com TEA com objetivos a serem conquistados de acordo com os déficits que a mesma apresenta

⁸² BORBA, M. M. C.; BARROS, R. S. Ele é autista: como posso ajudar na intervenção? Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico-comportamental ao autismo. Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), 2018.

⁸³ KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. Rev. Bras. Psiquiatr. Vol.28 suppl.1 São Paulo maio de 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S151644462006000500002>>. Acesso em: 19 abr. 2023

nas variadas áreas e estas visam minimizá-los. As habilidades podem ser de atenção, comunicação, linguagem, imitação, dentre outros, para cada uma dessas há um programa específico que visa desenvolvê-las ou aprimorá-las⁸⁴.

Os alunos com necessidades educacionais especiais têm o direito de serem acompanhados por um professor de Atendimento Educacional Especializado (AEE) ou acompanhante especializado, tanto na rede pública como na privada. No caso da aplicação da ABA, se faz necessário a figura desse acompanhante especializado, graduado ou ainda com pós-graduação, mestrado ou doutorado em ABA, este aplicará os princípios da abordagem comportamentalista visando dar suporte ao indivíduo em suas atividades acadêmicas, sociais e de autocuidado⁸⁵.

O aluno com TEA deve ser assistido por seu acompanhante especializado, este profissional foi selecionado pela família para aplicar essa abordagem específica, tendo em vista que caso fosse atendido por um professor de AEE, este teria um leque de abordagens para selecionar e então aplicar a intervenção com o indivíduo, tendo possibilidades de não ser a intervenção ABA. Este acompanhante especializado também atuará como facilitador das interações entre professor-aluno e aluno-aluno, de forma que orientará a maneira adequada de se aproximar e se comunicar com o aluno com TEA⁸⁶.

Cabe salientar a importância que os profissionais da escola saibam como reforçar comportamentos adequados e eliminar comportamentos indesejáveis, para o bom funcionamento da criança nesse ambiente. Tais orientações serão oferecidas de maneira informal, de acordo com as necessidades ocasionadas no cotidiano escolar, a título de exemplo, a criança começa a chorar, logo alguém a entrega o tablet, a criança por receber o objeto para de chorar. De acordo com os princípios da ABA esse comportamento de chorar foi fortalecido pela entrega do tablet e terá a possibilidade de ocorrer novamente quando a criança quiser o eletrônico. Nesse caso,

⁸⁴ KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. Rev. Bras. Psiquiatr. Vol.28 suppl.1 São Paulo maio de 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S151644462006000500002>>. Acesso em: 19 abr. 2023

⁸⁵ BORBA, M. M. C.; BARROS, R. S. Ele é autista: como posso ajudar na intervenção? Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico-comportamental ao autismo. Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), 2018.

⁸⁶ GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. Reizinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis. – São Paulo: Ed. N Versos, 2018. P. 103

o acompanhante especializado poderá orientar o profissional da escola a como proceder diante desse comportamento⁸⁷.

O ambiente da sala de aula propicia obstáculos para esse atendimento, alguns deles são: professores que discordam da metodologia dessa abordagem, superlotação das salas de aula e ruídos produzidos pelos alunos podendo inviabilizar a aplicação da intervenção, além de tornar o ambiente aversivo para a criança com TEA, bem como, a possibilidade de desvio da atenção dos outros alunos durante a aplicação da ABA. Esses são alguns dos impedimentos que desafiam a aplicação dessa abordagem na sala de aula regular⁸⁸.

Nesse sentido, a educação infantil é a primeira etapa da vida escolar dos estudantes. É nela que são trabalhados diferentes aspectos que contribuem para o desenvolvimento global do indivíduo. Para as crianças com autismo, a escola, os professores e a família podem contribuir de forma significativa para melhorias notáveis em seu comportamento. A educação inclusiva tem sido alvo de diferentes debates nos últimos anos. O objetivo é que, cada vez mais, as escolas possam garantir educação de qualidade para todas as crianças, independentemente de suas condições. Para a família não é tarefa fácil encontrar instituições que possam proporcionar as condições necessárias para o atendimento à criança com autismo. A escola também deve buscar as regularizações necessárias e profissionais qualificados para garantir o direito à educação⁸⁹.

⁸⁷ GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. Reizinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis. – São Paulo: Ed. N Versos, 2018. P. 103

⁸⁸ KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. Rev. Bras. Psiquiatr. Vol.28 suppl.1 São Paulo maio de 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S151644462006000500002>>. Acesso em: 19 abr. 2023

⁸⁹ EDUCA BRASIL. Dia do autismo: a importância da educação infantil. 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/dia-do-autismo-a-importancia-da-educacao-infantil-para-alunos-com-o-transtorno> . Acesso em: 19 abr. 2023

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É imperioso ressaltar as conquistas e as dificuldades dos docentes perante à inclusão os alunos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas salas de aula do ensino regular dos anos iniciais do ensino fundamental, da rede pública e privada, assim como a inclusão ao meio social, incluindo a capacidade de compreensão e reconhecendo suas especificidades e limitações.

O autismo é um transtorno do desenvolvimento que se caracteriza por alterações desde uma idade muito precoce, basicamente em quase todos os casos antes dos três anos de idade, caracterizado por barreiras à comunicação, interação social, capacidade de adaptação e aprendizado.

A inclusão da criança com autismos deve ir muito além da sua presença em sala de aula, devendo ainda almejar o aprendizado com qualidade, desenvolvendo suas habilidades e potencialidade, acima de tudo, superando suas dificuldades.

Todavia, atualmente ainda é visto várias vagas em escolar, mas que ainda não promovem todas as modificações necessárias para as práticas pedagógicas, deixando assim, de promover a inclusão. Cabe salientar a importância da formação docente, pois é necessário que haja a formação para os profissionais da educação, com a finalidade de possuir competência para desenvolver as potencialidades das crianças com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) em sala de aula.

Nesse sentido, é necessárias novas pesquisas voltadas para o aprimoramento da aplicação do ABA, visando melhores maneiras de atender as crianças autistas, na medida em que cada criança tem suas peculiaridades e infelizmente é comum perante nossa sociedade, os professores e até mesmo os pais apresentarem diversas dificuldades em desenvolver esse método de estudos.

Diante o exposto, é correto afirmar que muitas intervenções ainda precisam ser realizadas para que as crianças com autismo possam desenvolver um aprendizado com qualidade e adquirir sua independência e desenvolvimento pessoal.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, A. **As relações entre pares em idade escolar. Um estudo de avaliação da competência social pelos métodos Qsort.** Tese/ doutorado. Universidade do Minho, Braga, 1997.

AMA. **História da AMA.** (s/d). Disponível em: <https://www.ama.org.br/site/ama/historia/> Acesso em: 19 abr. 2023

ANDERSON, A. **Tales from table: Lovaas/ABA intervention with children on the autistic spectrum.** Pentoville: Road London, 2007. P. 114

APA. **American Psychiatric Association.** Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. 5.Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. P. 19

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento** / José Ferreira Belisário Filho, Patrícia Cunha. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial ; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010. P 29

BORBA, M. M. C.; BARROS, R. S. **Ele é autista: como posso ajudar na intervenção? Um guia para profissionais e pais com crianças sob intervenção analítico-comportamental ao autismo.** Cartilha da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), 2018.

BOSA, Cleonice Alves. **Autismo: atuais interpretações para antigas observações.** In: BAPTISTA, Claudio; BOSA, Cleonice (org.). Autismo e educação: atuais desafios. Porto Alegre: Artmed, 2002. P. 22-39.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm Acesso em: 18n abr. 2023

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes da educação nacional. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/busca?q=art.+58+da+lei+de+diretrizes+e+bases+-+lei+9394%2F96>. Acesso em: 18 abr. 2023

BRITO, R. M. T. de. **QUANDO A INCLUSÃO ACONTECE: analisando o processo de inclusão de uma criança autista em uma escola da rede pública de João Pessoa**. Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia. João Pessoa: UFPB, 2013. P. 19

CAMARGO, S. P. H.; BOSA, C. A. **Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura**. Psicologia & Sociedade. Porto Alegre: 2009, vol.21, n.1, p. 65-74. Disponível <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n1/08.pdf> Acesso em: 17 abr. 2023

CHAVES, Maria José; ABREU. Márcia Kelma de Alencar. **Currículo inclusivo: proposta de flexibilização curricular para o aprendente autista**. 2014. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_11_11_2014_0_0_14_48_idinscrito_1032_21baa4b98f17f639f8e420243e5ad478.pdf. Acesso em: 17 abr. 2023

COSTA, Flávia Fernanda. **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, RS: ANPED, 2012. P. 38

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak, 2014. P. 23

EDUCA BRASIL. **Dia do autismo: a importância da educação infantil.** 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/dia-do-autismo-a-importancia-da-educacao-infantil-para-alunos-com-o-transtorno> . Acesso em: 19 abr. 2023

FUMEGALLI, Rita de Cássia de Ávila - **Inclusão escolar: O desafio de uma educação para todos?** - Ijuí – RS, 2012 – Disponível em: http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/716/rita_monografia.pdf?sequence=1 Acesso em: 17 abr. 2023

GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. **Rezinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis.** – São Paulo: Ed. N Versos, 2018. P. 64

GIKOVATE, Carla Gruber. **Autismo: compreendendo para melhor incluir.** Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.carlagikovate.com.br/aulas/autismo%20compreendendo%20para%20melhor%20incluir.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2023

HEWWITT, S. **Compreender o Autismo. Estratégias para alunos com autismo nas escolas regulares.** Porto: Porto, 2006. P. 49.

LEAL, A. R. G. **Modelo DIR/Floortime: bases teóricas para a inclusão de crianças com autismo na educação infantil.** Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

LEAR, K. **Ajude-nos a aprender. Um programa de treinamento em ABA (Análise de Comportamento Aplicada) em ritmo auto estabelecido.** 2ª Ed. Toronto, 2004. P. 52

LOPES, Daniele Centeno; PAVELACKI, Luiz Fernandes. **Técnicas utilizadas na educação de autistas.** 2005. 11 p. Disponível em:

<<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2005/artigos/pedagogia/20.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

KLIN, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral**. Rev. Bras. Psiquiatr. Vol.28 suppl.1 São Paulo maio de 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S151644462006000500002>>. Acesso em: 19 abr. 2023

MARINHO, Eliane A. R.; MERKLE, Vânia L. B. **Um olhar sobre o autismo e sua especificação**. In: IX Congresso de Educação – EDUCERE; III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia – PUCPR, out. 2009. p. 6.084-6.096. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1913_1023.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2023

MENEZES. Pedro. **Behaviorismo**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/behaviorismo/> . Acesso em: 11 nov. 2023

ONLINE. Psicologia. **Teoria de Skinner: behaviorismo e condicionamento operante**. Disponível em: <https://br.psicologia-online.com/teoria-de-skinner-behaviorismo-e-condicionamento-operante-226.html>. Acesso em: 11 nov. 2023

ORRÚ, Silva Ester. **Autismo, Linguagem e Educação- interação social no cotidiano escolar**. 3 ed.-Rio de Janeiro: Wak Ed., 2012. P. 23

SANTOS, Ana Maria Tarcitano dos. **Autismo: desafios na alfabetização e no convívio escolar**. 2008. Trabalho de Conclusão (Curso de Distúrbios de Aprendizagem) – Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.crda.com.br/tccdoc/22.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

SCARDUA, Valéria Mota. **A inclusão escolar e o ensino regular**. Revista FACEVV, n. 1, p. 85-90, 2008. Disponível em:

<<http://www.facevv.edu.br/Revista/01/A%20INCLUS%C3%83O%20E%20O%20ENSINO%20REGULAR.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2023

SILVA. Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular - Entenda o Autismo**, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012. P. 6

TAMANAHA, Ana Carina; PERISSINOTO, Jacy; BRASILIA, Maria Chiari. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da Síndrome de Asperger**. Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol., São Paulo, v. 13 n. 3, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342008000300015&script=sci_arttext>. Acesso em: 17 abr. 2023

TOLEZANI, Mariana. **Son-rise uma abordagem inovadora**. Revista Autismo: informação gerando ação, São Paulo, ano 1, n. 0, set. 2010. P. 8-10

WINDHOLZ, M. H. **Autismo infantil: terapia comportamental**. In: SCHWARTZMAN, J. S.; ASSUMPÇÃO JÚNIOR, F. B. (Eds.) Autismo infantil. São Paulo: Memnon, 1995. P. 179-210.